

Discurso do 102º aniversário da Academia Cearense de Letras

Geraldo Fontenelle

Exm^o Sr. Presidente da Academia Cearense de Letras

Srs. Membros da Mesa Diretora

Srs. Acadêmicos

Meus Senhores e

Minhas Senhoras

A Academia Cearense de Letras comemora, hoje, os 102 anos de sua fundação, bem como algumas datas relevantes da vida cultural do Estado: o sesquicentenário de Moura Brasil ocorrido a 10 de fevereiro passado, o centenário do poeta e artista plástico Otacílio de Azevedo, genitor do acadêmico Sânzio de Azevedo e dos intelectuais Rubens de Azevedo e Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), ambos do Instituto do Ceará; o centenário de José Carlos Júnior que compôs a Padaria Espiritual e foi um dos fundadores de nossa Academia; de Carlos Studart Filho, historiador, General do Exército e presidente perpétuo do Instituto do Ceará; de Clodoaldo Pinto, professor da Faculdade de Direito e advogado dos mais conceituados do Estado; o de Josafá Linhares, professor e autor de vasta obra sobre economia e finanças e de Josa Magalhães que pertenceu ao Instituto do Ceará.

Festejam-se, também, os 90 anos do acadêmico Ribeiro Ramos, 2º vice-presidente desta Academia, cuja inesquecível consorte, Dinorah Tomaz Ramos, se viva fosse completaria a mesma idade; do poeta Ferreira Nobre, Acadêmico Honorário; do saudoso acadêmico Plácido Aderaldo Castelo que, além de pertencer aos nossos quadros, foi Governador do Ceará e do escritor Mozart Firmeza que integrou a fase inicial do Modernismo em Fortaleza. Destacamos ainda os 95 anos do Comendador Luís Sucupira, membro

desta Casa. Se ainda estivesse vivo, o Dr. José Martins Rodrigues estaria completando a mesma idade de Sucupira. Lembramos por oportuno os 130 anos de nascimento do Pe. Valdevino Nogueira; os 55 anos da morte do Pe. Antonio Tomaz, primeiro príncipe dos poetas cearenses, os 110 anos de Beni Carvalho e Dom Antônio de Almeida Lustosa; os 140 anos do Barão de Studart e os 160 anos do Visconde de Sabóia e do poeta Juvenal Galeno.

Senhores Meus:

O escritor e o poeta têm um compromisso social com o seu tempo. A arte literária exige deles o sentimento do belo, mas também uma definição sobre o mundo que os cerca, de modo especial se estão em pauta os anseios e as inquietações humanas. Sem ressumar emoção, um romance, um conto, um poema, uma peça teatral e o que mais indicar criação literária, deixarão de sê-lo em sua acepção estética. Além de testemunhar a sua época, o escritor e o poeta devem satisfazer a eterna busca do ser humano em seu ideal de aprimoramento e realização, de lutas e conquistas.

Através da Atelana - atividade dramática encenada na Roma antiga - Névio que se voltou para a dramaturgia grega e produziu muitas comédias e tragédias deu expansão à sua combatividade e espírito satírico. Para isso, os atores usavam máscaras, o que lhes motivava a liberdade de crítica aos poderosos, aos quais Névio mostrou irreverência e audácia. A máscara preservava a cidadania dos intérpretes. O ator não ficava marcado por setores criticados da platéia. Antes, os gregos também assim procederam nas festas dionisíacas e depois, nas suas encenações cômicas, satíricas e trágicas.

Um texto de Décimo Labério, dramatizado em forma de mimo - um tipo de farsa muito comum em Roma - atingiu o próprio César que procurou vingar-se. Em 46 a.C., César promoveu diversos jogos num dos quais um concurso de mimos entre os poetas Publílio Siro e Décimo Labério, exigindo a presença

deste no palco. Labério não gostou e fez uma introdução patética dizendo que sendo cavaleiro romano não podia desempenhar o papel de escravo no decorrer da representação.

– Porro Quírites, libertatem perdimus (“É preciso, pois, ó romanos, perder a liberdade”).

– Necesses est multos timeat quem multi timet. (“É preciso que tenha medo de muitos aquele a quem muitos temem”)

Julgando o concurso, César dá o troco: a vitória foi de Publílio Siro. Disse César:

– Fauente tibi me, uictus es, Laberi, a Syro. (“Embora eu te favorecesse, Labério, foste vencido por Siro.”)

– Em seguida, César entrega a palma a Publílio Siro, mas a Labério oferta um anel de ouro devolvendo-o à condição de cavaleiro. A procura de uma vaga para sentar-se, na classe dos cavaleiros, deparou com Cícero que disse lamentar em não lhe oferecer um lugar porque estava muito apertado no seu. Labério disse-lhe: “Estranho que te aches comprimido ai, tu, que te habituaste a sentar-te em dois lugares.” Aludia à leviandade política do orador romano.

Modernamente, não é preciso usar máscaras para dizer a verdade aos poderosos do dia, mas é necessário que ao contrário de Cícero na concepção de Décimo Labério, esteja-se num só lugar. Graciliano Ramos em “Memórias do Cárcere” (1953) narrou para leitores estarecidos o que sofreu nos porões da ditadura quando esteve preso em 1936.

Grandes escritores nordestinos formularam denúncias sociais de maior gravidade: Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, José Américo de Almeida e tantos outros.

Raul Pompéia em “O Ateneu” ressalta “Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete”. Os erros, as hipocrisias as ambições são destacadas naquele romance que reflete o drama de Sérgio metido num ambiente agressivo ali miniaturizando a sociedade e o mundo nos personagens: o diretor Aristarco, os

professores, os colegas, a instituição. Em “O Bom Crioulo”, Adolfo Caminha denuncia além dos castigos corporais o homossexualismo na Marinha do Brasil, a desvairada paixão de Amaro pelo jovem Aleixo a quem assassina no esto de seus delírios e vinganças. Castro Alves enfoca os problemas sociais clamando contra as tiranias e opressões: “Cai, orvalho de sangue do escravo/ Cai, orvalho, na face do algoz/Cresce, cresce, seara vermelha/ Cresce, cresce, vingança feroz”... Aluísio de Azevedo em “O Mulato” toca duas questões muito polêmicas: o racismo e a corrupção de certos padres de então. Machado de Assis retrata a conduta dos homens de sua fase descobrindo neles o egoísmo, a luxúria, a vaidade, o orgulho, a cobiça, tudo numa ironia amarga e impiedosa. Euclides da Cunha em “Os Sertões” manifesta corajosa crítica às ações do Exército Brasileiro em Canudos de Antônio Conselheiro. Euclides faz urna profecia: “Ou progredimos ou desaparecemos”. Em Portugal, Eça de Queiroz denuncia a hipocrisia reinante. Émile Zola faz de suas histórias uma acusação contra a opressão a que é subjugado o trabalhador. Flaubert em “Madame Bovary” expõe as chagas do adultério.

O escritor e o poeta devem ser indefessos lutadores com a gana insaciável de luz para clarear o lado sombrio do seu povo e guiá-lo às culminâncias de seus desideratos. O papel de quem escreve, neste mundo de injustiças sociais em que dois terços da humanidade vivem em degradante pobreza, não é apenas buscar o belo como forma literária; é acender uma lâmpada para que a claridade impeça a ação dos oportunistas e dos tiranos. É fazer ecoar a voz dos tristes e dos desesperançados, o grito, o lamento dos excluídos do corpo social.

Vemos a ação do escritor e do poeta como urna vitória sobre o sofrimento e a morte. Não os entendemos fora desta perspectiva.

Caríssimos:

As Academias podem parecer aos tolos e presunçosos instituições fora de moda, mas são elas as verdadeiras guardiãs do

pensamento científico e literário da humanidade. E “um povo que descuida de seu patrimônio literário - escreveu T. S. Eliot - é um povo que se converteu em bárbaro, visto que o povo que deixa de produzir literatura paralisa seu pensamento e a sua sensibilidade.”

Literatura é a presença da emoção no texto consumado. Por que Homero não fica antiquado? Simplesmente porque Homero desperta emoções. Não se inclui entre as obras literárias um “tratado de seções cênicas” ainda que escrito por Pascal; contudo, considera-se literatura um tratado de lógica como o “Discurso do Método” de Descartes ou uma peça oratória como a “Oração da Coroa” de Dermóstenes. Considerai como literatura o teatro grego com Ésquilo e Eurípedes, a tragédia francesa com Corneille e Voltaire, a poesia latina com Lucrecio e com Claudiano. Considerai, ainda, como valores que perdurarão séculos afora: Horácio com suas odes e sátiras, Ovídio, ora sagaz, ora cínico, ora individualista, Tito Lívio, excelente estilista, Varrão com seus ensinamentos enciclopédicos, Cícero, o orador romano que melhor assimilou a cultura grega, Virgílio que cantou em suas “Bucólicas” a vida campesina e na “Eneida” os feitos heróicos de Enéias, o Rei Troiano. Considerai, ainda, Fábio Máximo Verrucoso, Quinto Cecílio Metelo, Marco Cornélio Cetego, Públio Licínio Crasso, os irmãos Graco, sobretudo Caio, o orador perfeito, Caio Júlio César, Quinto Múcio Scévola e Marco Antônio (avô do triúviro do mesmo nome).

Literatura são os autos do Pe. Anchieta embora com fins didáticos, as letras jesuíticas, as poesias e o teatro missionários brasileiros compostos para ajudar à catequese dos índios, as cartas do Pe. Manuel da Nóbrega, a poesia de Gregório de Matos que retratou a sociedade baiana do seu tempo, os discursos do Pe. Antônio Vieira, a poesia da Escola Mineira, o indianismo de José de Alencar, a angústia de Augusto dos Anjos...

Gustave Flaubert escreveu: “Trabalha, trabalha, escreve, escreve tanto quanto possas, tanto quanto sejas arrebatado por tua musa. Este é o melhor corcel, a melhor carruagem para escapar da vida.” E do mesmo autor: “O único meio para suportar a existên-

cia é afogar-se na literatura como uma orgia perpétua. O vinho da arte causa uma profunda embriaguez e é inesgotável.”

A literatura é o homem em sua eterna busca: o amor, a paz, a realização íntima, o prazer, o sentido da vida.

Ao poeta Horácio, foi destinado o papel de levar a Roma as teorias gregas. No seu texto “Epistola aos Pisões” ou também chamado “Arte Poética”, Horácio mostra os princípios básicos da arte a ser seguida pelo escritor. Através dos quinhentos versos da “Epistola”, Horácio cuida das diversas relações entre a arte e o artista.

Em Roma, trataram de conceituar a literatura: Cícero persuadindo sobre a arte de Demóstenes e Quintiliano apregoando a clareza, o domínio da palavra, como pontos importantes para o escritor. Também Tácito, Demétrio, Dionísio e outros se manifestaram acerca dos caminhos mais luminosos para o uso da pena.

Literatura são os textos do teatro grego e latino. Aristófanes, Dífilo, Filemão, Menandro, Lívio Andronico, Névio, Enio, Plauto, Terêncio, Epicarmo, Cecílio, Eurípedes, Sófocles, Pacúvio, Ácio, Ésquilo, Vário, Sêneca, além de outros. A “Iliada” e a “Odisséia”, de Homero, se eternizaram porque, causando emoção, atravessarão ainda os séculos, os milênios, enquanto o ser humano mantiver os sentimentos inerentes à alma e ao coração. Literatura é Catulo, a figura representativa do lirismo, ecoando reflexos de Homero, Hesíodo, Píndaro, Arquíloco, Safo, as vozes de Apolônio de Rodes e Calímaco. É Valério Catão, Licínio Calvo, Hélvio Cina, Varrão de Átax, Terêncio Varro, Cornélio Galo, Tíbulo, Propércio...

Ainda no Ocidente, é o crescimento da Igreja Católica que estabelece a religiosidade como fonte de saber. É Carlos Magno fazendo de sua corte, como protetor da cristandade, um centro de cultura. Temos aí a poesia comunitária, a popular, de adivinhações, canções de dança, cantos corais, textos que falam da glória e dos conceitos morais. Na Idade Média, o teocentrismo se opõe ao antropocentrismo do Renascimento. Um tem Deus por centro, o outro tem o homem. Atravessando os tempos, Virgílio,

Horácio e Ovídio continuam influenciando profundamente os grandes poetas da humanidade.

Surgem, então, na literatura, os poemas épicos cantando as conquistas e glórias de um povo inteiro como por exemplo “Os Lusíadas”, de Luís de Camões. E junto a eles, vicejam os poemas líricos, tendo o amor e a beleza das mulheres como centro. Frise-se que também os deuses greco-romanos, as ninfas e os pastores ascendem nas epopéias e temas líricos.

Literatura é o Renascimento, o ressurgimento das normas afirmadas por assuntos nobres e belos. E reaparecimento de velhos métodos, alguns com novas formas. Os descobrimentos geográficos e científicos servindo como fontes de inspiração. A invenção da imprensa permitindo a busca dos clássicos antigos.

Literatura é o Barroco, o homem se debatendo contra o cristianismo e o espírito secular. Eis o culto do contraste, predileção pelos aspectos “cruéis, dolorosos, sangrentos, repugnantes”, o pessimismo, a humanização do sobrenatural, o fusionismo, a intensidade, a acumulação de elementos, conforme a classificação de Domício Proença Filho.

Considerai o Romantismo, o Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo, o Simbolismo, o Impressionismo, o Modernismo. Por todas essas escolas literárias o homem se define na tentativa de aperfeiçoar o seu pensamento, suas concepções estéticas, sua dimensão do mundo, sua visão do espaço e do tempo, o homem como centro em suas angustias, em seus desesperos, em seus sofrimentos mas também em suas aspirações maiores.

A literatura retrata o caminhar da humanidade no dorso deste planeta. Voltaire, Dickens, Cervantes, Rilke, Kafka, Fernando Pessoa, Thomas Mann, Shakespeare, Camilo, Papini, Sartre, Eça, Neruda, Gabriel Garcia Marquez, Jorge Luís Borges... nos iluminam!

Muitos escritores e poetas foram incompreendidos, atacadas, processados, perseguidos: Flaubert, Goncourt, Euclides da Cunha, Cruz e Souza, Lima Barreto, do que não escapou Macha-

do de Assis que chegou a ser discriminado por alguns setores da sociedade em face de sua cor, de suas doenças, de sua inclinação à misantropia, obstáculos que ele soube enfrentar com profunda ironia.

Literatura são as correntes trovadorescas, os poetas chamados palacianos; Fernão Lopes, Gil Vicente, este responsável pela criação do teatro português. Além dos trovadores, situemos nesse conceito geral os jograis; e os segréis, aqueles que cantavam como meio de vida, como profissão artística. São as cantigas de amor mas também as cantigas de escárnio e maldizer.

Senhores e senhoras:

O sentimento literário do Ceará começou a despertar com os "Outeiros", agrupamentos a que presidia o governador Manuel Inácio de Sampaio que, em seu palácio, estimulava as tendências poéticas e declamatórias de José Pacheco Spinosa, Cônego Antônio de Castro e Silva, Pedro José da Costa Barros, Lino José Gonçalves de Oliveira e Manuel Correia Lea.

Veio, depois, a Academia Francesa de Rocha Lima, Tomás Pompeu, Capistrano de Abreu, João Lopes, Xilderico de Faria, Araripe Júnior, Antônio José de Melo, França Leite e Felino Barroso, movimento que se reuniu até 1875.

Em 1874, funcionou a Escola Popular de que foram luminares Rocha Lima, Tomás Pompeu, Araripe Júnior e Capistrano de Abreu.

Segue-se o Gabinete Cearense de Leitura fundado a 2 de dezembro de 1875. O Clube Literário data de 15 de novembro de 1886.

A Padaria Espiritual é de 30 de maio de 1892 e nela brilharam: Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Álvaro Martins, Lívio Barreto, Antônio Bezerra, José Carvalho, José Carlos Júnior e muitos outros.

O Centro Literário foi outro movimento que surgiu, mas desaparecendo em 1900.

Nenhum desses organismos constituiu uma Academia. Somente a 15 de agosto de 1894 é que se instalou a Academia Cearense, mais tarde Academia Cearense de Letras.

Coube ao Barão de Studart liderar a fundação de nossa Academia. Na sua própria residência, no Calçamento de Messejana, atual Joaquim Távora, o Barão presidiu as primeiras discussões acerca desta Academia. E assim, a 15 de agosto de 1894, no salão de honra da Fênix Caixeiral, criava-se a Academia com a presença de Guilherme Studart, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa, José Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto de Vasconcelos, Pedro de Queirós, Alves Lima, Waldemiro Cavalcante e Antonino Fontenele.

102 anos depois, a Academia Cearense de Letras está viva e atuante. Passaram os céticos, os indiferentes e os críticos mordazes e aqui está a instituição, sob o lema "Forti Nihil Difficile", a divisa de Lord Beaconsfield.

Hoje aqui nos encontramos, Acadêmicos, autoridades, convidados e a comunidade cultural do Ceará para as celebrações deste grande evento.

A Casa de Tomaz Pompeu sente-se imensamente feliz em homenagear, hoje, ápice destas festividades, nomes da maior projeção e do maior conceito nos mais diversos ramos da atividade humana no Estado: Sr. Petrônio Andrade, líder empresarial, marcante figura humana; Dr. Cláudio Pereira, presidente da Fundação Cultural de Fortaleza, sempre a serviço das atividades intelectuais; Sr.^a Lúcia Montenegro Rocha, presidente da Fundação Cultural Demócrito Rocha e Dr.^a Albaniza Dummar Pontes, diretora do jornal O Povo, que editaram generosamente nossa Revista; Ivens Dias Branco, empresário admirável, progressista e que tanto há servido nossa terra; Dr. Luís Campos, presidente do IBEU, grande mestre e jornalista; dona Constança Távora, presidente da Sociedade Amigas do Livro que juntamente com suas companheiras estuda e divulga nossa literatura; senador José Dias Macêdo, outro amigo desta Casa, operoso e prestativo, a quem muito deve o Ceará; professor José Alves Fernandes, culto, simples e solidá-

rio; e esse gigante da medicina cearense e brasileira: Régis Jucá que os constantes convites dos Estados Unidos, São Paulo e Rio nunca afastaram da terra querida, humanitário médico, aliás completando 60 anos de idade.

Nossos agradecimentos à dona Nanza Aderaldo, viúva do nosso querido companheiro Mozart Soriano Aderaldo, que nos doa parte dos livros do saudoso mestre e, também, à Aíla, Raimundo Arraes, Fátima Goulart e Zivaldo Maia, cantores e artistas que vieram abrilhantar esta noite.

Cumpre-nos agradecer a todos quantos cooperaram para elevar mais alto ainda o nome de nossa Academia.

Obrigado, senhores, e Deus seja louvado.